

Nome: Camila Paim
2 ano E.M
Geografia

Cidade para quem?

Nos dois documentários nós pudemos ver diferentes realidades de vida, em uma, as pessoas moravam em coberturas luxuosas, e na outra, as pessoas precisavam lutar até mesmo para ter acesso à educação. Pôde ser visto também a diferença de como as pessoas enxergam o mundo, seus pensamentos, e até mesmo sua empatia.

No documentário “Um lugar ao Sol”, pudemos ver a vida de pessoas totalmente privilegiadas, algumas entendiam seu privilégio, outras, conseguiam ser tão egocêntricas, que achavam que aquilo era o básico. Talvez aquelas pessoas nunca tenham vivido a realidade de vida de grande parte da população, e achem que aquilo é o normal, mas no documentário, a maioria deles se achavam tão superiores, que parece até piada algumas coisas que foram ditas, e, ainda por cima, foram ditas de maneira séria.

Uma frase marcante foi, “na frente do avião tem a primeira classe e lá atrás tem a senzala”, essa frase é absurda, principalmente vindo de alguém que provavelmente teve um bom acesso à educação, a frase foi dita de uma maneira tão normal, que o rosto da pessoa nem tremeu para falar, o que para mim, tornou ainda pior. Outro momento bem marcante, foi quando uma mulher disse que achava bonito os tiros, pois eles deixavam um rastro colorido, tudo bem ela achar bonito, mas enquanto ela estava vendo algo “bonito”, lá embaixo, pessoas estavam morrendo.

Já no documentário “A ponte” foi apresentado a desigualdade social na zona sul de São Paulo, e isso foi mostrado através da vida da tia Dag, a fundadora da Casa do Zezinho, que foi criada em 1.994 e desde então já ajudou muitos jovens e crianças a mudarem de vida.

O documentário mostra a diferença de realidades entre as duas margens do Rio Pinheiros, que, de acordo com o documentário, separa os pobres dos ricos, e foi comparado até mesmo com o muro de Berlim.

Os dois documentários apresentaram o ponto de vista de pessoas com diferentes realidades de vida, as pessoas que enxergam de cima e as pessoas que enxergam de baixo, as pessoas que tiveram boas oportunidades e as que precisam batalhar ao máximo para conseguirem mudar de vida, as privilegiadas e as sem nenhum privilégio aparente. Essa divisão é algo bem perceptível no nosso próprio dia a dia, mas na comparação dos dois documentários foi algo que ficou bem na nossa cara.

Em conclusão, acredito que eu esteja certa ao dizer que a cidade não é, e não vai ser assim tão cedo, para todos. Pessoas de diferentes grupos e classes sociais estão na cidade, mas não está certo dizer que a cidade é para todos, as pessoas que estão na cidade tiveram, pelo menos, uma oportunidade mínima que as colocou nela, outras, já nasceram e nunca precisaram se preocupar de fato com coisas muito importantes na vida.

Não é porque a cidade é para você, que a cidade é para todos, às vezes, por você ter boas oportunidades de vida, você acaba até esquecendo que existem pessoas que não têm.

Aqui na própria cidade que eu vivo, é bem perceptível a diferença das coisas, as pessoas que não tem acesso ao básico, moram em lugares precários, e as crianças desde sempre já têm a vida afetada porque não conseguem ir para a escola, muitas vezes por precisarem

ajudar os pais no trabalho, isso, só para conseguirem o mínimo para sobreviver, como água, comida e roupas.